

XELB₄

Actas do 1º Encontro de
Arqueologia do Algarve

Silves - 2003



.III

Resultados Preliminares das Escavações
Arqueológicas realizadas nos núcleos de Menires de
Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim).

João Luis Cardoso*

*Com a colaboração de João Carlos Caninas,
Alexandra Gradim e A. Nascimento Joaquim*

Resumo

Neste trabalho apresenta-se o resultado das escavações realizadas respectivamente em 1998 e em 2001 nos núcleos de menires de Lavajo I e de Lavajo II, distanciados cerca de 250 m na direcção NNE e separados pelo pequeno vale do Lavajo, bem como dos trabalhos de protecção, recuperação e valorização efectuados sobretudo no núcleo mais importante (Lavajo 1). Os locais, pelo menos actualmente, são intervisíveis, graças à implantação destacada no terreno: o núcleo de Lavajo I situa-se no topo de colina enquanto Lavajo II ocupa a linha de fecho de uma encosta, conferindo ao local visibilidade, tanto do lado sul como do lado norte. O conjunto de Lavajo I é constituído actualmente por três monólitos, todos de grauvaque: um, quase inteiro, de tendência fálica, é actualmente o maior menir de grauvaque conhecido em território português, atingindo o comprimento máximo de 3,14 m. Todos os menires de Lavajo I se apresentam decorados, com destaque para o maior deles, o qual exhibe complexa decoração.

Em Lavajo II, identificaram-se quatro estelas-menir não decoradas, todas de grauvaque, das quais apenas uma, representada por fragmento de pequenas dimensões, se encontrava *in situ*. Foi, no entanto, possível reconstituir a posição relativa das restantes, através da escavação integral do respectivo alvéolo, correspondente a rasgo alongado, orientado Este-Oeste, aberto no substrato geológico, constituído por xistos do Carbónico Superior finamente folheados. Deste modo, é de concluir que as estelas-menir se dispunham em linha, constituindo um painel lítico contínuo. No interior do alvéolo, recolheram-se diversos artefactos ali ritualmente depositados aquando da fundação do monumento, cuja tipologia indica o Neolítico Final, cronologia aliás compatível com a do conjunto megalítico de Lavajo 1, tendo presente a iconografia patente nos menires. Muito embora não se conheça ainda suficientemente o padrão de povoamento da região no Neolítico Final, estes dois núcleos megalíticos podem ser interpretados como marcadores de territórios e/ou de espaços sagrados, sendo de destacar a existência, durante todo o ano, de água nas proximidades imediatas, recurso escasso e precioso, que propiciaria a horticultura. Por outro lado, a natureza das matérias-primas utilizadas na confecção dos artefactos encontrados (sílex, anfíbolito), para além de outros materiais de circulação transregional muito mais alargada (fibrolite), evidencia a forte interacção destas populações tanto com o interior do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena), como com o litoral algarvio ou andaluz, compatível com estágio de desenvolvimento económico do final do Neolítico do sul peninsular, atingido na segunda metade do IV milénio a. C.

Numa vasta região, correspondente a todo o sotavento algarvio, onde o megalitismo não funerário era até agora totalmente desconhecido, os testemunhos ora estudados constituem, doravante, uma das expressões mais interessantes e significativas, cuja relevância se impõe numa área muito mais vasta, correspondente a todo o Sudoeste peninsular.

*Académico de Número, Academia Portuguesa da História. Professor Associado com Agregação da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

Abstract

In this study, we present the results of excavations conducted in 1998 and 2001, and the subsequent works of protection and rehabilitation of two loci of menhirs, Lavajo I and Lavajo II, located at 250 m of distance from each other, in a NNE direction and separated by the small valley of Lavajo (Alcoutim). Lavajo 1 is located on the top of a hill while Lavajo 2 is located on a slope, and both presented a good visibility southwards as well as northwards.

Lavajo I has three monoliths made of greywacke: one, almost complete, of a phallic appearance, and currently the largest greywacke menhir known in Portugal, reaching a maximum length of 3,14 m; another, almost complete, broken in three large blocks; the third, very incomplete, with only a piece of its front side left. It is possible, however, that there were once more monoliths, considering that abundant fragments of greywacke were found at the site, all with fresh fractures. All the menhirs of Lavajo 1 were decorated. The largest one has a prominent decoration, strictly related to the morphology of the lithic support, and it was possible to determine its original location, on a small pit of circular plan and flat bottom.

In the second location (Lavajo II) four undecorated stele-menhirs, all of greywacke, were discovered, of which only one, represented by a small fragment, was found in situ. It was, nevertheless, possible to reconstruct the relative positions of the remaining ones, through the excavation of their respective sockets, associated with an elongated groove, oriented east-west, and cut into the bedrock made up of finely foliate carboniferous schists. In this way, we concluded that the stele-menhirs were arranged in a line and constituted a continuous lithic panel. Within the pit-holes were recovered diverse artefacts ritually placed there during the construction of the monument, whose typology points to the Late Neolithic and whose chronology is compatible with that of the megalithic group at Lavajo 1, based on the iconography of the menhirs.

Although the settlement pattern of the Late Neolithic in the region is not well-known, these two megalithic nuclei could be interpreted as territorial markers and/or sacred spaces; of note is the existence of year-round water sources in their immediate proximity, water being a scarce and precious resource which would have aided in horticulture. On the other hand, the nature of the raw materials found (flint, amphibolite), in addition to other material obtained through extensive transregional trade (fibrolite), is evidence for regular interaction between populations in both the interior of the Baixo Alentejo (Ossa/Morena Zone), as well as along the Algarve or Andalusian coast, consistent with the level of economic development of the Late Neolithic of the southern Iberian Peninsula, in the second half of the IV millenium BC. In a vast region, corresponding to the entire Eastern Algarve, where non-funerary megaliths were until now totally unknown, the sites of Lavajo 1 and II are interesting and one of the most significant expressions of the south western Iberian megalithism.

1 – ANTECEDENTES

A visita de António do Nascimento Joaquim, no Verão de 1992, a local que conhecia de infância e onde se lembrava de ter visto uma grande pedra tombada, levou-o a admitir que se tratava de um menir, tomando então a iniciativa de contactar o signatário. Este, em visita ao local, na companhia do primeiro e do Arq. M. Varela Gomes, por si convidado, na qualidade de arqueólogo que se vinha dedicando ao estudo dos menires do barlavento algarvio, constatou o efectivo interesse arqueológico do monólito; tratava-se de facto de um grande menir de grauvaque, rocha disponível no local. Encontrava-se tombado sobre um dos lados maiores, o qual não se apresentava decorado. Junto, observavam-se lajes dispostas de cutelo, as quais se admitiu fazerem parte da estrutura de fixação. A situação de se tratar do primeiro menir identificado em toda a vasta região do sotavento algarvio, a que acrescia o facto de ser o maior do território português talhado em grauvaque, justificou a sua publicação preliminar, nela se acrescentando que era propósito dos autores prosseguirem as investigações através de escavações no local, até porque a algumas dezenas de metros depararam com uma estrutura que lhes pareceu uma sepultura megalítica cistóide (GOMES, CARDOSO & JOAQUIM, 1992).

Entretanto, ocorreram importantes movimentações de terras no local, nos inícios de 1994, com prejuízo do monólito, então deslocado da posição anterior. Face a tal situação, a Doutora Helena Catarino, que vinha desenvolvendo há anos meritorias escavações em estações de época islâmica do concelho de Alcoutim, tomou a iniciativa de repor o menir na vertical, com o apoio de maquinaria cedida para o efeito e a colaboração de colegas seus, acção que foi prontamente concretizada. Tratava-se, porém, de uma intervenção arqueológica não autorizada superiormente e que, apesar da urgência invocada, não eliminava a prioridade científica dos autores supra citados; a 9 de Abril de 1994, estes confirmaram o seu interesse científico em prosseguirem os trabalhos, através da apresentação do respectivo pedido de autorização, ao IPPAR, o qual foi deferido apenas em Maio de 1995. Na sequência desta resposta, foi

programada uma intervenção para a escavação da zona adjacente à da implantação do menir e solicitado o apoio logístico e financeiro à Câmara Municipal de Alcoutim a qual, em Maio de 1997 respondeu favoravelmente.

Entretanto, tendo o Arq. M. Varela Gomes comunicado à autarquia a sua indisponibilidade em colaborar nos referidos trabalhos, nos termos em que estes foram definidos na proposta apresentada, foi o signatário convidado a dirigir a execução desta intervenção arqueológica, por ofício do Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, de Julho de 1998. Face a esta situação, obteve o signatário nova autorização, já por parte do IPA, em Agosto de 1998, de modo a permitir, a curto prazo, a concretização das escavações, as quais se vieram efectivamente a realizar em Setembro de 1998, sob sua direcção, seis anos volvidos após a sua primeira visita ao local.

Participaram na campanha de escavações no conjunto megalítico de Lavajo I – que envolveria, também, o levantamento gráfico da face decorada do menir, descoberta aquando do seu soerguimento, em 1994 e a investigação do que se admitia ser um sepulcro megalítico cistóide, mas que se verificou, no decurso de curta intervenção, não ser mais do que um abrigo de pastor – os seguintes elementos: Doutor António do Nascimento Joaquim, geólogo, natural da vizinha aldeia (“monte”, na terminologia local) de Afonso Vicente, e autor da descoberta; Eng. João Carlos Pires Caninas; Dr.ª Alexandra Gradim, Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim; Dr.ª Manuela da Palma Teixeira, Técnica Superior de Restauro da Câmara Municipal de Alcoutim e Fernando José Estevão Dias, Técnico de Arqueologia da referida Autarquia, além de jovens voluntários de Alcoutim, cuja participação foi também importante.

Entretanto, dos contactos do signatário com a Doutora H. Catarino, resultou a comunicação, por parte desta, da existência, na encosta de pequeno outeiro fronteiro ao do menir, do outro lado do vale do Lavajo, de uma estela que interessaria também investigar. Confirmada a sua existência, considerou-se que estes dois núcleos deveriam ser objecto de estudo conjunto. Deste modo, o signatário solicitou e obteve autorização para esta nova exploração

arqueológica, em Novembro de 2000, a qual foi confirmada em Maio de 2001, atendendo à impossibilidade daquela se ter efectuado na data prevista, dado o mau tempo que se fez sentir por todo o País no Inverno de 2000. A realização, em Junho de 2001, das escavações no segundo núcleo megalítico, denominado Lavajo II, contou com a colaboração da Dr^a. Alexandra Gradim, da Dr^a. Manuela da Palma Teixeira e de Fernando Estêvão, além de jovens de Alcoutim, tal como verificado anteriormente.

Deste modo, o presente estudo, refere-se à escavação de dois núcleos megalíticos, seguramente interrelacionados entre si, feita em distintos momentos, a saber, a segunda semana de Setembro de 1998 e a terceira semana de Junho de 2001.

Cumpre, deixar expressos os agradecimentos devidos à Câmara Municipal de Alcoutim na pessoa do seu Presidente, Dr. Francisco Amaral, bem como na do Senhor Vereador da Cultura, por todos os apoios que possibilitaram a realização dos trabalhos de campo, incluindo, em tal agradecimento, os técnicos da Autarquia supra referidos e que empenhadamente, colaboraram do princípio ao fim dos trabalhos.

Agradece-se ainda à Doutora H. Catarino, por ter disponibilizado fotos suas (que não chegaram a utilizar-se) dos trabalhos de 1994 no grande menir de Lavajo I, bem como as informações fornecidas ao signatário, que conduziram à localização e escavação do conjunto de Lavajo II.

O levantamento gráfico da superfície insculpada do menir já conhecido, bem como dos restantes, que integram o conjunto de Lavajo I foi realizada pelo signatário e por João Carlos Caninas; os desenhos de campo da área escavada em Lavajo II são da autoria de Fernando Estêvão; as respectivas tintagens, bem como os desenhos das peças arqueológicas exumadas devem-se a Bernardo L. Ferreira. De registar ainda a colaboração dos Bombeiros Voluntários de Alcoutim, que cederam pessoal e equipamento no âmbito da realização de uma sessão de fotografia nocturna no conjunto de Lavajo I.

2 – LAVAJO I

O grande menir de Lavajo I, que em 1994 foi colocado invertidamente no terreno, ostentava uma das faces (oculta até então) decorada (Fig. 1), sendo, pois, prioritário a execução do respectivo registo gráfico; por outro lado, importava proceder à escavação da área adjacente ao local de implantação do menir, que nada garantia à partida fosse o primitivo, tendo em vista a identificação da própria estrutura de fundação, cuja existência era sugerida por elementos fixados de cutelo, observados aquando da primeira visita em 1992 e entretanto desaparecidos. Assim, os trabalhos desenvolveram-se tendo presentes aqueles dois objectivos. No respeitante ao primeiro, foi utilizado plástico cristal, sobre o qual se decalcaram os motivos insculpadados nele existentes; o original assim obtido, à escala natural, foi ulteriormente reduzido e tintado.

Quanto à escavação do terreno adjacente, a decapagem da camada de solo superficial, feita em dois rectângulos paralelos, abertos de ambos os lados do menir (Fig. 1) permitiu concluir que o substrato geológico, constituído por xistos do Carbónico Superior, finamente folheados (fácies flysch) era ali sub-aflorante, não se verificando a existência de qualquer depósito ou estrutura, a não ser uma quase insensível depressão, que poderia constituir o fundo do alvéolo de fundação de um dos outros dois monólitos que coroavam o topo do cabeço, adiante referidos em pormenor. No fundo dessa pequena depressão, encontrou-se minúsculo bordo de recipiente liso, não espessado, pertencente a taça ou a pequeno esférico.

Na zona onde se implantou em 1994 o grande menir, a escavação foi aprofundada do lado Norte, pois importava averiguar se ainda se conservavam restos da estrutura de fixação original, já que, do lado oposto, o substrato geológico aflorava, como se referiu, até junto do menir. Com risco de provocar o tombamento do grande monólito e, com ele, um grave acidente, o aprofundamento da escavação ultrapassou, em resultados, muito do que à partida se imaginava. Com efeito, logo a pequena profundidade, se deparou com um grande fragmento de menir, decorado com um círculo feito a picotado (Fig. 2), o qual evidenciava, pela fractura fresca, ter sido recentemente destacado de um menir semelhante ao já conhecido; o

> **Fig. 1** – Grande menir de Lavajo I (menir nº. 3), colocado no terreno de forma invertida em 1994. Observa-se parte da área escavada na sua periferia, do lado sul, evidenciando-se a pequena profundidade do substrato de xistos do Carbónico Superior finamente folheados.



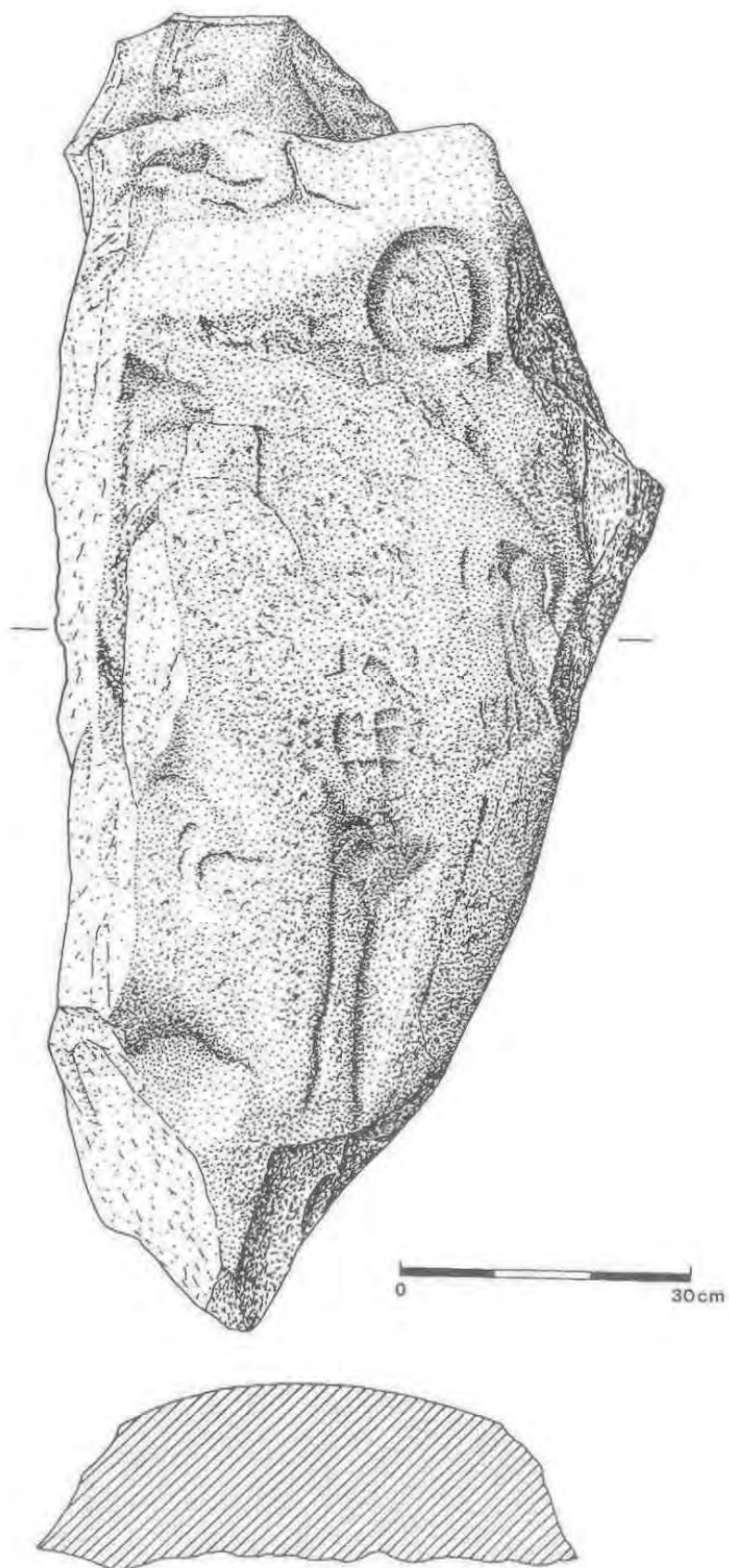


Fig.2 – O menir nº. 1 de Lavajo I – levantamento gráfico da superfície insculptada..

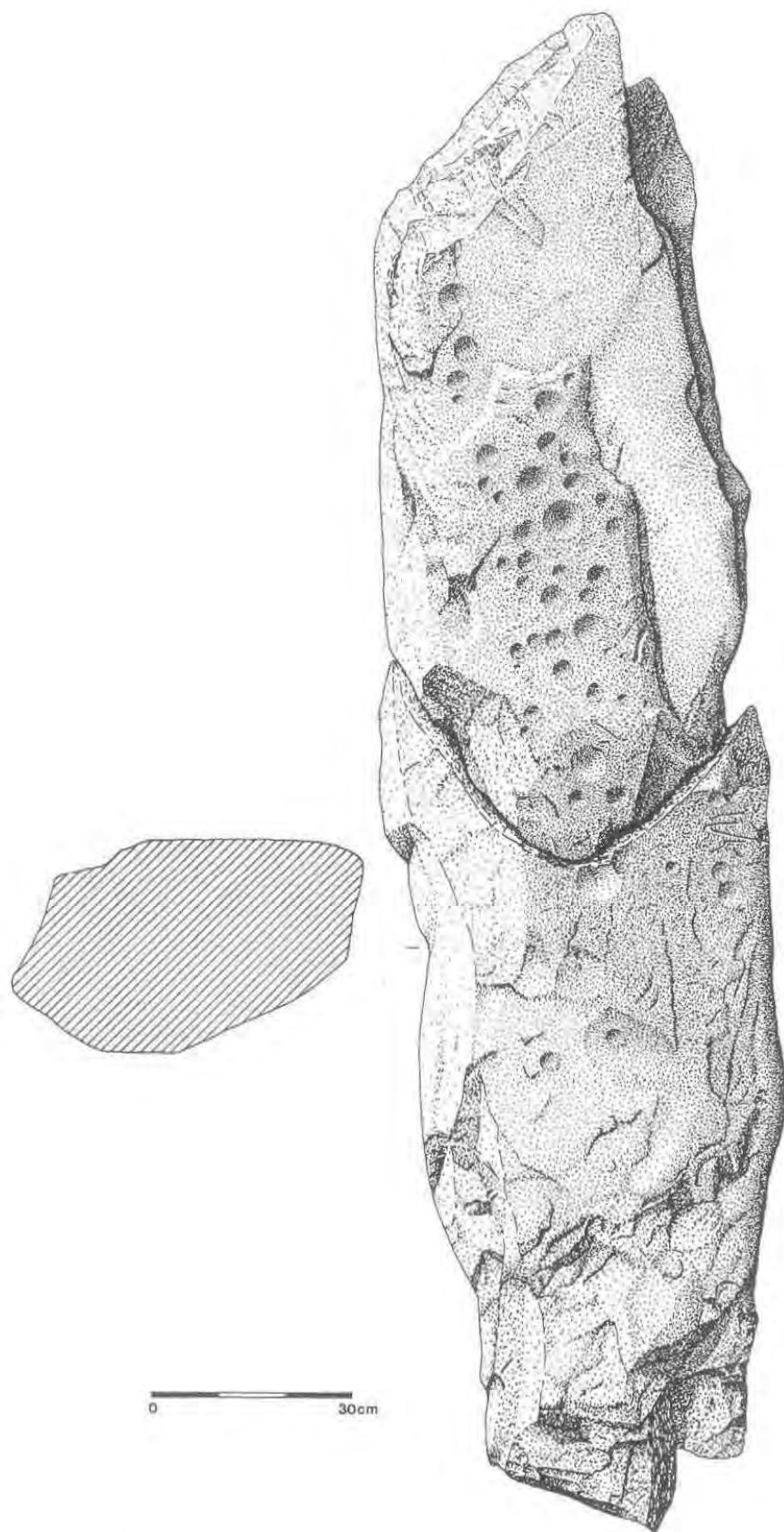


Fig. 3 – O menir nº. 2 de Lavajo – levantamento gráfico da superfície insculturada.

seu aspecto tabular faz admitir que pertencesse à sua parte frontal cujas dimensões originais se desconhecem; contudo, a grande quantidade de blocos de grauvaque existentes no local, todos com fracturas frescas faz crer, na hipótese de pertencerem a uma única peça, que esta teria dimensões semelhantes à do exemplar intacto. Ao lado deste, e disposto transversalmente à fossa executada com a pá mecânica da máquina utilizada em 1994, de modo a garantir o travamento do enchimento feito com fragmentos de grauvaque que sustentam verticalmente o grande menir, observou-se outro fragmento de menir decorado, o qual, como se irá adiante verificar, é parte integrante de um terceiro monólito, igualmente até então desconhecido, e que foi integralmente por nós reconstituído (Fig. 3). Uma vez removidos os dois fragmentos aludidos, verificou-se que o segundo assentava em parte sobre a primitiva fossa de fundação, distanciada cerca de um metro do local onde se implantou o menir. Trata-se de depressão arredondada, com cerca de 0,70 m de diâmetro máximo e fundo aplanado, aberta no substrato xistoso (Fig. 4). Na Fig. 5 são bem visíveis diversos fragmentos de grauvaque, colocados de cutelo junto à base do grande menir, preenchendo o rasgo executado mecanicamente, bem como os dois elementos decorados, acima aludidos.

Dos fragmentos de menir recolhidos na escavação, um deles, já atrás referido (Fig. 2), de formato tabular, encontra-se decorado com motivo geométrico, um círculo obtido por picotado, sendo a superfície do monólito igualmente afeiçãoada e regularizada do mesmo modo. Pode actualmente observar-se no núcleo arqueológico do castelo de Alcútim. O outro fragmento, igualmente partido de fresco, pertencia a outro menir, reconstituído na sua totalidade, a partir de mais dois fragmentos abandonados nas proximidades (Fig. 3) e conserva-se no interior da vedação mandada colocar pela Câmara Municipal de Alcútim em torno do menir erguido. No conjunto, trata-se de um menir longo e aplanado, com uma das faces igualmente afeiçãoada por picotado e coberta de inúmeras "cavinhas", produzidas do mesmo modo, a que se seguiu, nalguns casos, a sua regularização por abrasão rotativa.

Como materiais arqueológicos, para além do pequeno fragmento cerâmico supra referido, recolheu-se

apenas, nas terras de revolvimento e portanto desprovida de contexto, uma bela enxó de anfibolito com o gume intacto, por certo relacionada com as práticas rituais realizadas no local.

No contexto descrito, avulta, naturalmente, a iconografia patente no grande menir (Fig. 6). O programa decorativo é constituído por sulcos verticais, "cavinhas" e diversas formas geométricas (circunferências, "ferraduras") e antropomórficas, organizadas de diversos modos.

A impressão geral que se tem quando se observa o conjunto é a de que se pretendeu articular a morfologia do monólito com a disposição decorativa. Com efeito, é no sentido do alongamento que se observa um sulco, largo e pouco profundo, obtido por picotado seguido de abrasão, o qual se encontra pontuado, no seu interior, por sucessivas "cavinhas", também obtidas pela mesma técnica (picotado seguido de abrasão). A presença deste sulco central constitui o eixo de toda a organização decorativa, e o seu desenvolvimento está, por seu turno, relacionado com uma protuberância morfológica do menir, uma espécie de tóro longitudinal, de origem aparentemente natural, ao qual se sobrepôs o referido sulco.

Tendo em conta que o monólito se encontrava invertido no terreno, verificou-se que, na extremidade outrora enterrada, existem alguns motivos que, em consequência, não seriam visíveis: é o caso de diversas "cavinhas", de grandes dimensões, dispostas sem ordem aparente, de arcos de circunferência ("ferraduras") e de circunferências com ou sem representação punctiforme no centro. Ainda na zona presumivelmente enterrada, observa-se, de um dos lados, um alinhamento de quatro pequeninas "cavinhas", motivo que se repete na parte mesial do monólito, e de ambos os lados do sulco central referido, constituindo num deles um alinhamento de seis, e no outro, de cinco "cavinhas". Logo acima do que se admite fosse a linha de implantação no terreno, o monólito ostenta dois símbolos antropomórficos, ambos de características sexuais presumivelmente femininas. De um dos lados, observa-se um triângulo isósceles invertido, cuja base, em posição horizontal, se apresenta interrompida por curto traço vertical. O vértice oposto do triângulo, por seu turno, parece cor-



Fig. 4 – Pormenor da zona escavada do lado Norte do grande menir de Lavajo I (menir n.º 3), observando-se vestígios do alvéolo de fundação primitivo, em primeiro plano, parcialmente destruído pela pá mecânica aquando da verticalização do menir, em 1994.

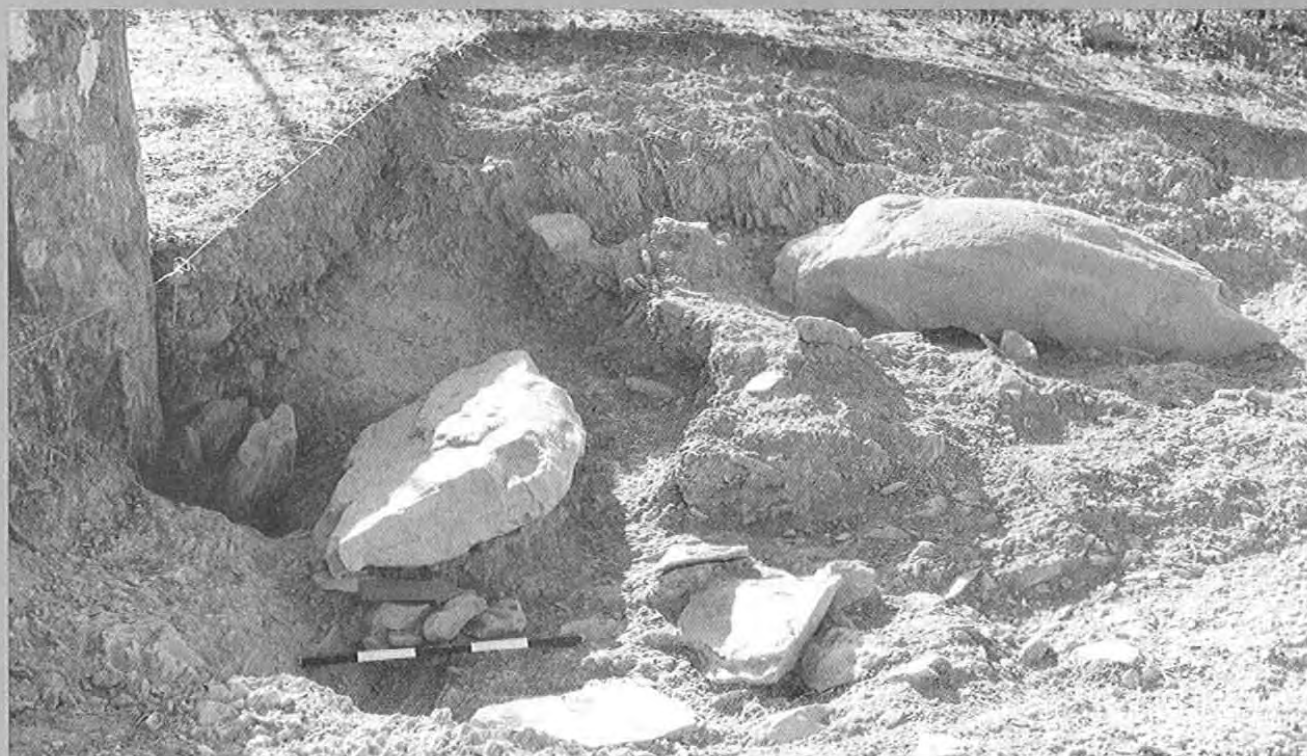


Fig. 5 – Vista parcial do sector norte da escavação na adjacência imediata do menir n.º 3 de Lavajo I, evidenciando-se dois fragmentos de outros tantos menires. Em primeiro plano, fragmento do menir n.º 2, com decoração visível de “cavinhas”, utilizado como travamento da fundação do menir n.º 3, quando este foi levantado em 1994; em segundo plano, a parte actualmente conservada do menir n.º 1, tal como foi encontrada. Observam-se ainda, junto à extremidade enterrada do menir erecto, fragmentos de grauaque, pertencentes a estes ou outros menires, utilizados como travamento (ver Fig.4).

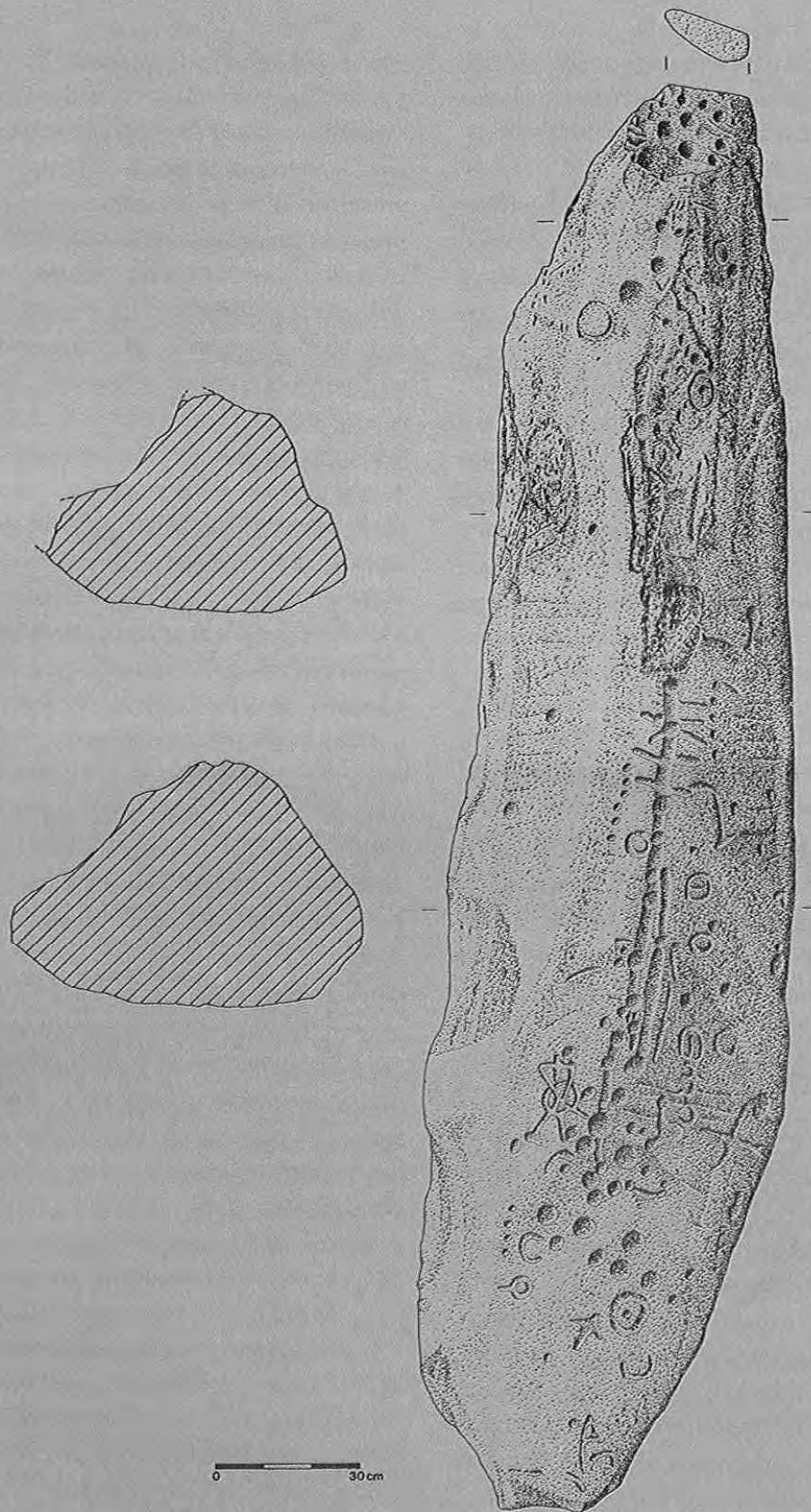


Fig. 6 – O grande menir de Lavajo I – levantamento gráfico da superfície insculturada, realizado em Julho de 2003, data em que foi reposicionado correctamente no terreno.

responder ao centro de uma circunferência parcialmente radiada, a qual só muito dificilmente se observa (no caso, tal foi apenas possível à noite, com luz rasante).

Do outro lado do referido sulco, observa-se também um motivo presumivelmente sexual: trata-se de uma elipse interiormente septada ao longo do eixo maior, talvez prolongada inferiormente por um cruciforme, que se situa numa das suas extremidades (originalmente a inferior). De referir a existência de conjuntos de pequenos segmentos, perpendiculares e radiantes do sulco central principal. Todos estes motivos, com excepção do sulco longitudinal e de algumas covinhas de maiores dimensões, produzidas por picotado seguido de abrasão, foram obtidos exclusivamente por picotado, sendo evidentes as marcas punctiformes dos respectivos impactos, talvez com recurso a “picos” de quartzo filoneano, rocha que se encontra também localmente disponível.

3 – LAVAJÓ II

Por indicação, já mencionada, da Doutora H. Catarino, em 2000, foi investigado o cerro fronteiro ao do núcleo de Lavajo I, e dele separado pelo pequeno vale do Lavajo. Este novo sítio distancia-se apenas cerca de 250 m, na direcção NNE, do núcleo megalítico que se acabou de descrever (Fig. 7), sendo ambos intervisíveis na actualidade (o que não significa que tivesse sido sempre assim, dada a provável existência na época de cobertura arbórea mais importante). Referia aquela arqueóloga a existência, no local, de uma provável estela de grandes dimensões, fracturada em diversos pedaços, podendo, em alternativa, tratar-se de um monumento funerário muito destruído. Obtida, nesse mesmo ano, a autorização para ali se proceder a trabalhos arqueológicos, foi então verificada a existência, por terra, de três grandes estelas-menir de grauvaque, já arrancadas da sua posição primitiva e uma depressão alongada no terreno, coberta de vegetação, seguramente resultante do arranque mecânico dos referidos monólitos (Fig. 8). No fundo da referida depressão, jazia, em posição quase vertical, uma bela placa de grauvaque moldurada, cuidadosamente polida (Fig. 9).

Os trabalhos tiveram dois objectivos: o primeiro, consistiu no levantamento cuidadoso da superfície dos monólitos, com o intuito de neles se identificarem insculpturas rupestres. Após limpeza, foram todos desenhados, evidenciando-se, apenas, importante trabalho de afeiçãoamento e de regularização das superfícies, por picotagem, particularmente num deles. Mostram, invariavelmente, uma das extremidades com fracturas mais ou menos recentes. Deste modo, as extremidades conservadas correspondem às primitivamente enterradas. Em dois casos, aquelas mostram-se intensamente afeiçãoadas, apresentando-se convexas ou muito convexas. Noutra caso, aquela apresenta-se mais sumariamente trabalhada, em forma de cunha ponteaguda, muito semelhante do menir nº. 2 de Lavajo I (Fig. 3).

Depois de limpo o terreno, a escavação evidenciou, não o que se julgava ser a câmara de um dólmen, mas sim uma depressão alongada, repleta de cunhas de grauvaque de forma aparentemente desordenada (Fig. 10). A prossecução da escavação veio evidenciar o modo de construção deste dispositivo: trata-se de rasgo aberto no substrato geológico do local, constituído, tal como no *locus* anterior, por xistos finamente folheados do Carbónico Superior, com o comprimento aproximado de 4 m e a largura média de 0,60 m, cuja base não foi possível atingir, visto se encontrar preenchida. As referidas cunhas de grauvaque, de tamanho e formato diversos, nalguns casos, assumiam aspecto tabular, conservando ainda as posições originais entre si. Tornava-se claro que, pela sua disposição paralela, tais elementos serviram de calços para a fixação das grandes estelas-menir dali arrancadas, situação que é particularmente evidente na parte média do rasgo aludido. A confirmar esta conclusão, é de destacar a existência de um fragmento de estela-menir ainda *in situ*, na extremidade oriental da escavação, representada na Fig. 10. Assim, o rasgo aberto no substrato e as estruturas detectadas no seu interior, relacionam-se directamente com os três monólitos, destinando-se, originalmente, a servirem à sua respectiva sustentação. Tendo em conta a geometria do referido rasgo, conclui-se que as quatro estelas-menir teriam constituído um alinhamento contínuo, unidas topo a topo, com orientação geral Este-Oeste, formando deste modo uma espécie de painel lítico¹.

¹ Foi, entretanto, publicada na *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 2002, 5(2), p.99-133.

No decurso da escavação ocorreram diversos artefactos ritualmente depositos na fundação das estelas-menir, e que acompanhariam a placa referida; o seu estudo será apresentado em trabalho mais desenvolvido, em preparação.

4 – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os dois núcleos megalíticos escavados, conquanto de características diferentes, relacionavam-se, por certo, entre si. Distanciados cerca de 250 m, ocupando o topo de outeiro (Lavajo I) ou a parte média da crista da elevação fronteira (Lavajo II), encontravam-se em posição visual de destaque, apresentando-se intervisíveis (ao menos na actualidade). O primeiro núcleo (Lavajo I), é constituído actualmente por três menires (dois completos ou quase, um apenas representado por uma grande porção da sua parte frontal), todos eles decorados. Avulta a decoração do maior, com diversos paralelos em monumentos homólogos de Neolítico Final do sul do território português. Dado o estado de remobilização sofrido pelas três peças, é actualmente impossível conhecer a relação primitiva existente entre elas. Já o mesmo não sucede com o segundo núcleo explorado (Lavajo II). Aqui, embora três dos quatro monólitos – todos com formato estelar – que integram o conjunto já estivessem deslocados das suas posições primitivas, à data da escavação, esta permitiu reconstituir, tendo em conta a morfologia do alvéolo de fixação respectivo, a sua posição original no terreno. Verificou-se, deste modo, que definiam um alinhamento contínuo, com os lados menores colocados topo a topo, formando uma espécie de painel orientado na direcção de Este-Oeste. Existências de alinhamentos simples de menires no território português são extremamente escassas e imprecisas, embora se conheçam na bibliografia alusões a dois possíveis conjuntos, do barlavento algarvio, em Padrão, Vila do Bispo (GOMES, 1997, p. 147, 148): podem apenas referir-se, com alguma segurança, duas ocorrências:

- o monumento de Cerro das Pedras, Loulé, escavado por Estácio da Veiga, uma vez que o alinhamento de Tera, Montemor-o-Novo, em curso de exploração por Leonor Rocha, se inscreverá na Idade do Ferro. O conjunto do Cerro das Pedras é constituído por, pelo menos, três monólitos, alguns de aspecto estelar (VEIGA, 1886, Est. XI), junto dos quais aquele arqueólogo recolheu um fragmento de placa de xisto, uma conta discóide, também de xisto, e um trapézio, de

silex, espólio que, pela natureza, é comparável ao recolhido no conjunto de Lavajo II integrando-se, de igual modo, no Neolítico Final. De referir que um desses menires, foi identificado por M. V. Gomes com o exemplar hoje guardado no Museu de Loulé, de aspecto sub-piramidal, com uma das faces repleta de “cavinhas” (GOMES, 1997, Fig. 15).

- e, no centro do País, um alinhamento de pequenos monólitos, integrando o grande menir de Caparrosa, Viseu (GOMES & MONTEIRO, 1974/1977).

Os dois núcleos megalíticos em apreço, Lavajo I e II afiguram-se globalmente sincrónicos e. Porém, não é possível caracterizar a natureza das actividades rituais ali realizadas entre os finais do IV milénio AC e os inícios do milénio seguinte, até por constituírem conjunto (melhor, complexo megalítico) sem paralelo no território português.

A possibilidade de corresponderem a marcos simbólicos na paisagem, relacionados com a posse/delimitação de terrenos agrícolas particularmente produtivos face à pobreza agrícola dos solos xistosos dominantes é de reter; tais terrenos, de facto, existem localmente, no barranco da Lapa, colmatado de solos onde a horticultura é possível graças à existência de um poço onde a água nunca seca, situado a menos de 100 m do conjunto de Lavajo II. “Os menires marcam efectivamente territórios e a sua visibilidade e impacto simbólico é uma componente indispensável do processo da sua construção” (GONÇALVES, BALBÍN-BEHRMANN & BUENO-RAMÍREZ, 1997, p. 250). Porém, extensão desta evidência, aplicada pelos autores à região megalítica de Reguengos de Monsaraz, do Alto Algarve oriental, depara com as dificuldades de esta ainda ser uma região quase por explorar em tal domínio. Com efeito, na área em apreço, apenas se encontram registados ténues vestígios de povoamento coevo: é o caso da ocorrência de escassos dormentes e moventes de mós manuais, para além de um sepulcro megalítico cerca de 1,8 km para SSW do conjunto de Lavajo I localizado por A. Gradim. Assim sendo, a monumentalização da paisagem, feita ainda no decurso do Neolítico Final, testemunhada pela construção deste complexo megalítico, resta ainda por esclarecer quanto aos motivos que estiveram na sua origem.

	567	
574	575	
	583	

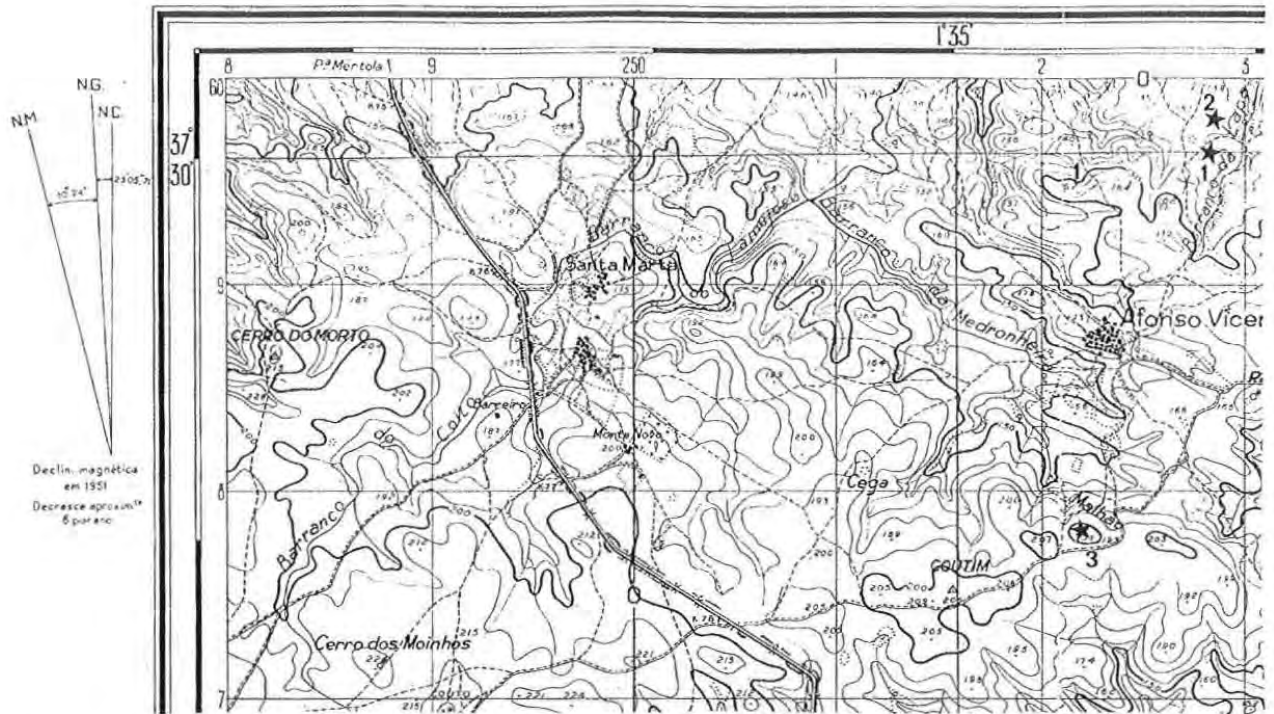


Fig. 7 – Planta topográfica à escala de 1/25 000 com a localização dos conjuntos megalíticos de Lavajo I (1), Lavajo II (2) e da anta do Malhão (3). Base: Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, folha nº. 575, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1952 (reduzida).



Fig. 8 – Conjunto megalítico de Lavajo II antes da realização dos trabalhos. Observam-se três das quatro estelas-menir tombadas no terreno, em curso de remobilização por meios mecânicos para permitir a observação das faces ocultas.

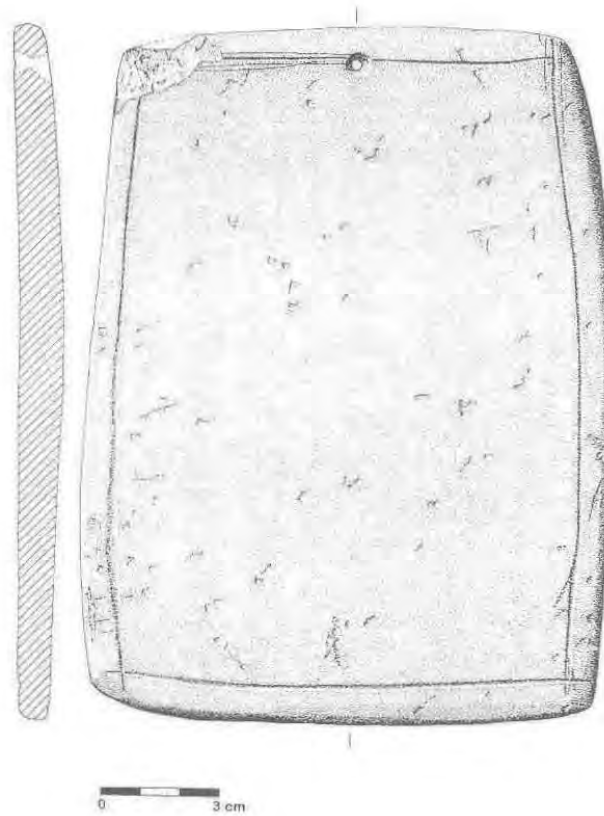


Fig. 9 – Placa de grauvaque lisa, com moldura simples, de coloração cinzento-esverdeada e finamente polida, recolhida à superfície, no alvéolo de fixação das estelas-menir de Lavajo II, antes da realização dos trabalhos de escavação.

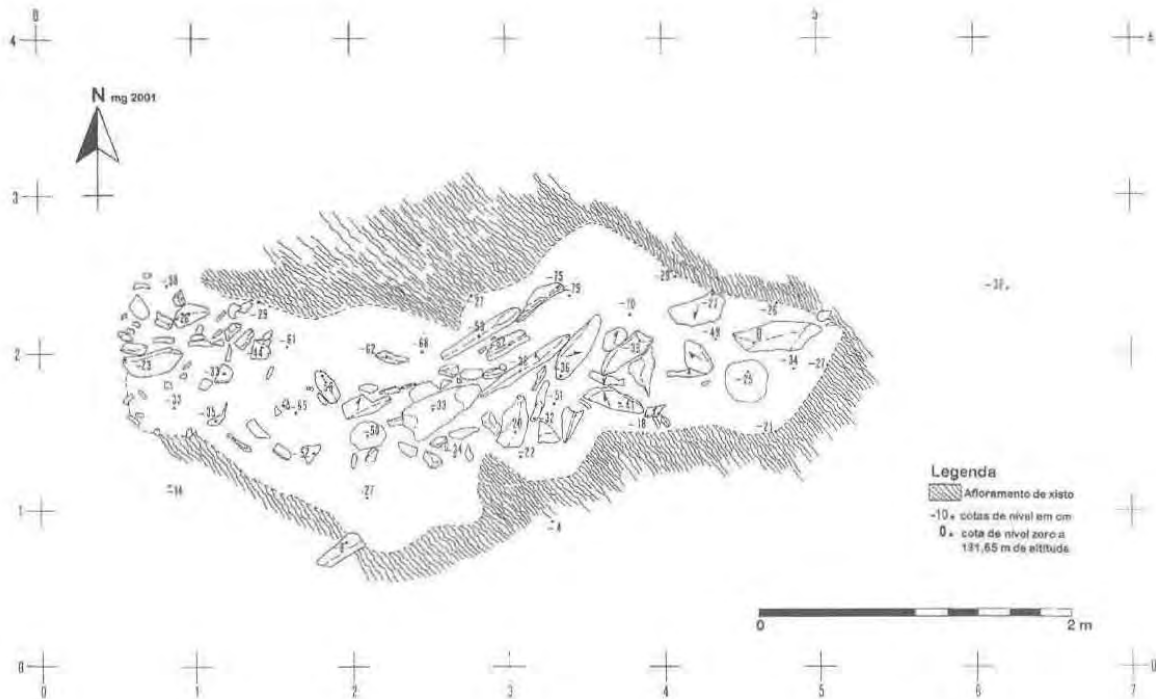


Fig. 10 – Alvéolo de fixação do conjunto megalítico de Lavajo II – levantamento gráfico. Observem-se as pequenas cunhas de grauvaque que serviam de calços às estelas-menir, das quais apenas se conserva um fragmento *in situ*, situado na extremidade Este do alvéolo (ponto de cota 0).

Não restam, no entanto, dúvidas quanto ao estágio de desenvolvimento económico destas populações do Neolítico Final ou, quando muito, dos inícios do Calcolítico. Muito embora os testemunhos de povoamento sedentário sejam, por ora desconhecidos na área adjacente, a presença, por um lado, de enxó de rocha anfibolítica recolhida em Lavajo I e oriunda do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena) a par de outras, de origem ainda mais longínqua, como a fibrolite (um fragmento de machado recolhido no alvéolo de fundação das estelas-menir de Lavajo II) e, por outro, de artefactos de sílex, oriundos do barrocal algarvio ou da Andaluzia (também recolhidos no alvéolo de fundação referido), mostra a interacção estabelecida com regiões díspares e afastadas. Tal evidência, é mais uma prova, a par de outras (tipologia dos artefactos e características comparadas da morfologia e da decoração dos megálitos), para situar este complexo megalítico numa época já tardia do fenómeno megalítico do sul peninsular do qual constitui, doravante, uma das suas expressões mais interessantes e significativas.

Bibliografia

- > GOMES, M. V. (1997) – “O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988”. In *CADERNOS de Cultura*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 17-37.
- > GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P. (1974/1977) – “A estela-menir decorada da Caparrosa Beira Alta. Nota de descoberta”. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7-9, p.89-93.
- > GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & JOAQUIM, A. N. (1992) – “Testemunhos megalíticos de Afonso Vicente (Alcoutim). Notícia preliminar”. In *Al-madan*. Almada. Série II, 1, p. 92-93.
- > GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) – “A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal)”. In *Brigantium*. 10, p. 235-254.
- > VEIGA, S. P. M. E. da (1886) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.